

FILOSOFIA E SOCIOLOGIA

COM
**VIVIANNE
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não conseguem ver.

A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intelectual. Na mitologia grega, Athena, a deusa da sabedoria, tinha a cabeça de uma coruja.

A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento mais filosófico. Pela sua característica de arrebatar a noite, a coruja é considerada pelos gregos como símbolo da burocracia.

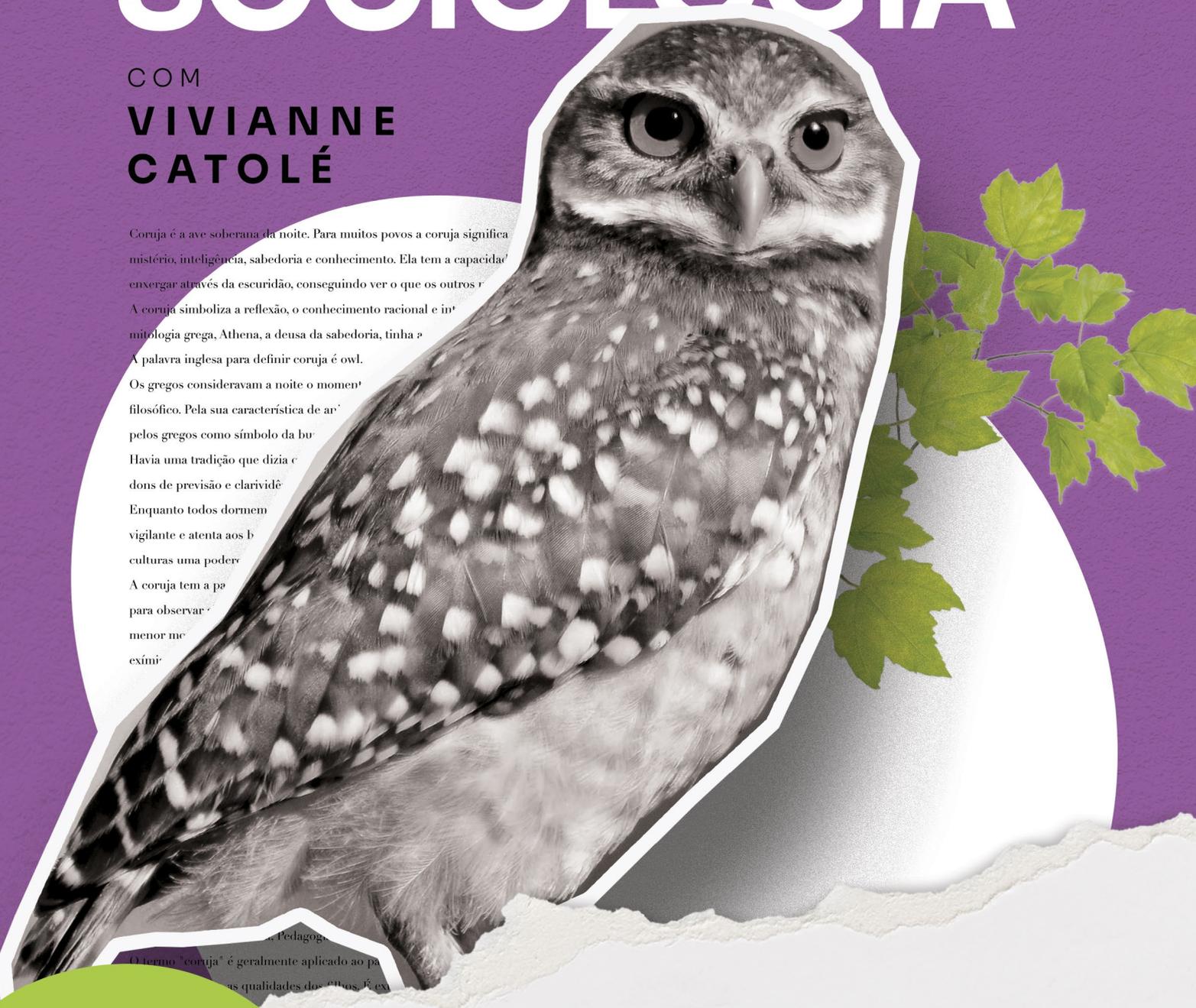
Havia uma tradição que dizia que a coruja tinha dons de previsão e clarividência.

Enquanto todos dormem, a coruja é vigilante e atenta aos movimentos.

Em muitas culturas uma coruja representa a sabedoria.

A coruja tem a particularidade de observar o mundo sem emitir som.

Por isso, a coruja é considerada a melhor forma de ensinar.



FILOSOFIA MEDIEVAL
EXERCÍCIOS



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

Exercícios

1. (UECE) “Agostinho faz um contraponto ao dualismo maniqueísta ao refutar que o mal não existe enquanto ser. Ele refuta o dualismo ontológico do bem e do mal dos maniqueístas e desenvolve a teoria da origem do mal como uma negação do Sumo Bem, na qual o mal não tem ser, não existe, mas é resultado do livre-arbítrio da vontade do homem que o utiliza em vista de si mesmo. Ou seja, o mal é moral; é um ato voluntário do homem ao negar seu Criador, Deus, Bem universal, em vista de si mesmo.”

GOMES, I. S. G. *A origem do mal no pensamento de agostinho de hipona*. In: *Anais do III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia*. Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/cncrt/cncrt/paper/viewFile/277/61>. Acessado em 18-10-2021 – Adaptado.

Segundo essa passagem, a origem do mal está

- na liberdade do homem, dotado por Deus de livre-arbítrio.
- na ação sobre os homens de um ente que personifica o mal.
- na natureza humana, que, por ser finita, é próxima do mal.
- no mau uso do livre-arbítrio, orientado pelo amor-próprio.

2. (ENEM DIGITAL) Sem negar que Deus prevê todos os acontecimentos futuros, entretanto, nós queremos livremente aquilo que queremos. Porque, se o objeto da presciência divina é a nossa vontade, é essa mesma vontade assim prevista que se realizará. Haverá, pois, um ato de vontade livre, já que Deus vê esse ato livre com antecedência.

SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995 (adaptado).

Essa discussão, proposta pelo filósofo Agostinho de Hipona (354-430), indica que a liberdade humana apresenta uma

- natureza condicionada.
- competência absoluta.
- aplicação subsidiária.
- utilização facultativa.
- autonomia irrestrita.

3. (INTEGRADO - MEDICINA) Leia o fragmento a seguir.

Ele não é um mal precisamente por ser proibido pela lei, mas, ao contrário, é proibido pela lei por ser mal.

(SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995, p. 30. (Coleção Patrística). (Introdução e Primeira Parte do Livro I).

Ao tentar compreender por que as pessoas agem mal, Santo Agostinho se utiliza do exemplo do adultério. Segundo o pensamento desse autor, por que o adultério é uma ação má? Analise as sentenças a seguir e assinale a alternativa **CORRETA**.

- Ele é uma ação má porque a pessoa se deixou dominar

pelas paixões, pelo desejo das coisas terrenas.

b) O adultério é uma ação má porque quem o comete faz algo que não quer que outros lhe façam.

c) Ele é uma ação má porque as pessoas, por não desejarem ser traídas, o condenam.

d) O adultério é uma ação má porque é condenado pela lei.

e) É uma ação má porque se faz sem a permissão de um dos respectivos cônjuges.

4. (UECE) O trecho que se apresenta a seguir trata da compreensão de Agostinho de Hipona sobre a origem do mal e do pecado:

“Logo só me resta concluir: tudo o que é igual ou superior à mente que exerce seu natural senhorio e acha-se dotada de virtude não pode fazer dela escrava da paixão. Não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio”.

Santo Agostinho. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995. P.52.

No que diz respeito ao conceito de livre-arbítrio e à origem do mal na obra filosófica de Agostinho de Hipona, considere as seguintes afirmações:

- Para Agostinho, o livre-arbítrio é sempre um bem concedido ao homem por Deus, mesmo que o homem utilize-o de forma errônea, o que provoca o mal.
- Em concordância com a tradição dos pensamentos maniqueísta e neoplatônico, Santo Agostinho defendia a visão dualista de um mundo em perpétua luta entre o Bem e o Mal.
- Segundo o bispo de Hipona, o mal não possui ser, não pertence à ordem, ele é a corrupção do ser e é de inteira responsabilidade do homem, enquanto ser livre.

É correto o que se afirma em

- II e III apenas.
- I e II apenas.
- I e III apenas.
- I, II e III.

5. (UECE) Em diálogo com Evódio, Santo Agostinho afirma: “parecia a ti, como dizias, que o livre-arbítrio da vontade não devia nos ter sido dado, visto que as pessoas servem-se dele para pecar. Eu opunha à tua opinião que não podemos agir com retidão a não ser pelo livre-arbítrio da vontade. E afirmava que Deus no-lo deu, sobretudo em vista desse bem. Tu me respondeste que a vontade livre devia nos ter sido dada do mesmo modo como nos foi dada a justiça, da qual ninguém pode se servir a não ser com retidão”.

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*, Introdução, III, 18, 47.

Com base nessa passagem acerca do livre-arbítrio da vontade, em Agostinho, é correto afirmar que

- o livre-arbítrio é o que conduz o homem ao pecado e ao afastamento de Deus.

b) o poder de decisão – arbítrio – da vontade humana é o que permite a ação moralmente reta.

c) é da vontade de Deus que o homem não tenha capacidade de decidir pelo pecado, já que o Seu amor pelo homem é maior do que o pecado.

d) a ação justa é aquela que foi praticada com o livre-arbítrio; injusta é aquela que não ocorreu por meio do livre-arbítrio.

6. (UFU) O intelecto humano não é ato de algum órgão, mas é uma certa capacidade da alma, que é forma do corpo. Por isso, é próprio dela conhecer a forma existente individualmente na matéria corporal, não porém na medida em que está em tal matéria. Ora, conhecer o que está na matéria individual, não na medida em que está em tal matéria, é abstrair a forma da matéria individual, que as fantasias representam. Por isso, é necessário dizer que o nosso intelecto entende o que é material abstraído das fantasias; e, através do que é material, assim considerado, chegamos a algum conhecimento do que é imaterial, assim como, pelo contrário, os anjos conhecem o que é material através do imaterial.

AQUINO, Tomás de. Suma de Teologia. Primeira Parte, questões 84-89. Tradução de Carlos A. R. Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 133.

Sobre o modo como conhecemos as coisas materiais, é correto afirmar que, segundo Tomás de Aquino (1224-1274),

a) conhecemos a natureza das coisas por rememoração, com base nas ideias eternas, que estão em nosso intelecto desde o nascimento.

b) conhecemos a natureza das coisas do mesmo modo que os anjos, ou seja, por iluminação divina, sem utilizarmos os nossos sentidos.

c) não conhecemos a natureza das coisas materiais pelo nosso intelecto, e sim pelos sentidos, pelo intelecto conhecemos apenas as coisas imateriais.

d) não conhecemos a natureza das coisas materiais diretamente, e sim por meio de uma cooperação entre os sentidos e o intelecto, chamada de abstração.

7. (UPE-SSA 3) Leia o texto a seguir:

A ciência sagrada pode, sim, receber alguma coisa das disciplinas filosóficas, não porque delas tenha necessidade, mas para melhor esclarecer seus ensinamentos. Seus princípios, com efeito, não os tornam delas, mas imediatamente de Deus por revelação. E por isso não empresta das outras ciências como se fossem superiores, mas delas se serve como de inferiores e servas [...]. E o uso que a ciência sagrada delas faz não em razão de sua fraqueza ou insuficiência, mas unicamente por causa da fraqueza de nosso intelecto, este, das coisas conhecidas pelo natural lume da razão (da qual derivam as outras ciências), é mais facilmente conduzido, como pela mão, à cognição das coisas sobrenaturais, que ensinam esta ciência.

(Tomás de Aquino, Ente e Essência)

Conforme Tomás de Aquino, é CORRETO afirmar:

a) A fé é superior à razão, portanto aquele que crê não pode seguir a ciência.

b) A razão não pode ser compatível com a fé, pois esta última se dedica às coisas sobrenaturais.

c) As ciências somente poderão almejar a verdade se usarem a fé com o fundamento.

d) É possível conciliar perfeitamente fé e razão.

e) A filosofia é uma ciência com base na cognição ensinada pela fé.

8. (UECE) “Sto. Tomás [de Aquino], sempre fiel às legítimas tradições, afirma a distinção entre direito natural e direito positivo, em sólido artigo da Suma Teológica (II-II 57, 2). O termo direito aplica-se aos dois direitos analogicamente, alicerçando Santo Tomás a sua distinção em Aristóteles. Haverá um direito proveniente ‘da própria natureza da coisa’, direito natural, que não se confunde com as normas da justiça firmadas entre duas pessoas, ou estabelecidas pela autoridade pública (direito positivo). Enquanto o primeiro direito independe da vontade humana, o segundo nasce dela por uma convenção estabelecida.”

MOURA, Odilão, D. A Doutrina do Direito Natural em Tomás de Aquino. In: Veritas, Porto Alegre, vol. 40, n. 159, setembro, 1995, p. 484.

Com base na citação acima, é correto definir o Direito Natural, em Tomás de Aquino, como

a) o conjunto de leis divinas revelado pelos profetas.

b) o direito racional em si mesmo, que independe das leis civis.

c) as leis que regem os fenômenos naturais, mas não os civis.

d) a essência em comum entre as diversas legislações civis.

9. (UEM) “Se é verdade que a verdade da fé cristã ultrapassa as capacidades da razão humana, nem por isso os princípios inatos naturalmente à razão podem estar em contradição com esta verdade sobrenatural. É um fato que estes princípios naturalmente inatos à razão humana são absolutamente verdadeiros; são tão verdadeiros, que chega a ser impossível pensar que possam ser falsos. Tampouco é possível considerar falso aquilo que cremos pela fé, e que Deus confirmou de maneira tão evidente. Já que só o falso constitui o contrário do verdadeiro, [...] é impossível que a verdade da fé seja contrária aos princípios que a razão humana conhece em virtude de suas forças naturais. [...] Todavia, já que a palavra de Deus ultrapassa o entendimento, alguns acreditam que ela esteja em contradição com ele. Isto não pode ocorrer.”

(AQUINO, T. de. Suma contra os gentios. Apud ARANHA, M. L. de. Filosofando. São Paulo: Moderna, 2ª ed. p. 103).

A partir do texto citado e de conhecimentos do pensamento filosófico de Tomás de Aquino, assinale o que for correto.

- 01) Fé e razão não se opõem, porque seus princípios são verdadeiros.
- 02) Tomás de Aquino tomou por tarefa compatibilizar, a partir da relação fé e razão, a filosofia aristotélica com a verdade cristã.
- 04) O âmbito do racionalmente demonstrável é restrito se comparado com a imensidão dos mistérios divinos.
- 08) Para Tomás de Aquino, o conteúdo da fé é revelado por Deus aos homens, segundo a sua sabedoria.
- 16) A existência de Deus para Tomás de Aquino é tão somente afirmada pela fé, jamais reconhecida pela razão.

10. (UEM) Considere os trechos selecionados abaixo.

Texto 1: “Todavia, mais do que para qualquer outro animal, é natural para o ser humano ser um animal social e político, ou seja, viver junto a muitos, como o demonstra a necessidade natural. Com efeito, no caso dos demais animais, a natureza preparou-lhes a comida; como vestimento, proveu-os de pelos; [...]. Mas a natureza não dotou o ser humano dessas coisas. Ao invés disso, foi-lhe dada a razão que o habilita a preparar tudo isso com suas mãos. Porém, como um único ser humano não é suficiente para fazer todas essas coisas, então um ser humano sozinho não pode levar, de maneira suficiente, sua vida. Logo, é natural ao ser humano que ele viva em sociedade junto a muitos.”

TOMÁS DE AQUINO. A realeza: dedicado ao rei de Chipre. In: MARÇAL, J. Antologia de textos filosóficos. Curitiba: Seed, 2009, p. 667).

Texto 2: “[...] durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra, e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. Pois a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida.”

(HOBBS, T. Leviatã, São Paulo: Abril, 1988, p. 54).

A partir dos textos acima e de teses do pensamento político de Tomás de Aquino e de Thomas Hobbes, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- 01) A cidade, para Tomás de Aquino, é forma superior de organização natural e visa ao bem viver do homem.
- 02) Hobbes não considera que haja uma disposição natural à socialização dos homens, sendo necessária a intervenção artificial para congregá-los em sociedade.
- 04) Para Tomás de Aquino, não é possível pensar a noção de autoridade como meio de alcançar o bem comum para todos aqueles que vivem em sociedade.
- 08) Para Hobbes, a autoridade coercitiva do Estado é o único meio de assegurar a boa convivência em sociedade.
- 16) O pensamento político de Tomás de Aquino tem origem comunitária, e o de Hobbes, origem individualista.

Gabarito:

Resposta da questão 1: [D]

Resposta da questão 2: [A]

Resposta da questão 3: [A]

Resposta da questão 4: [C]

Resposta da questão 5: [B]

Resposta da questão 6: [D]

Resposta da questão 7: [D]

Resposta da questão 8: [B]

Resposta da questão 9: $01 + 02 + 04 + 08 = 15$.

Resposta da questão 10: $01 + 02 + 08 + 16 = 27$.

Anotações